

Os governantes militares de Myanmar desencadeiam o fim de semana mais sangrento desde o golpe

Via [Socialist Worker](#)

Mianmar viu seu fim de semana mais sangrento desde o golpe militar no início de fevereiro. Soldados e policiais se lançaram ao trabalho odioso no sábado – Dia das Forças Armadas – e por todo o país massacraram mais de 100 pessoas.

Alguns dos mortos eram jovens manifestantes tentando transformar o dia dos desfiles militares em um “Dia da Revolução”. Mas muitos que morreram eram espectadores ou pessoas em suas casas que foram atingidas aleatoriamente pelas balas dos soldados.

Para o regime, não há inocentes entre a população civil. Pelo menos quatro crianças, de cinco a 15 anos, estavam entre os mortos do fim de semana.

O derramamento de sangue veio para o município de Dala, uma pequena cidade nos arredores de Yangon. Aqui oito pessoas foram mortas a tiros nas primeiras horas da manhã de sábado. Uma multidão se reuniu do lado de fora de uma delegacia de polícia exigindo que os policiais libertassem duas mulheres detidas após um protesto na manhã anterior.

Moradores do município de Yangon Insein tentaram freneticamente construir barricadas contra a polícia durante a noite. Mas ao amanhecer, a polícia entrou atirando, matando quatro pessoas e ferindo gravemente muitas mais. Uma enfermeira que forneceu assistência médica disse que não só os manifestantes foram mortos. Um entregador de água potável e

outros transeuntes foram mortos a tiros na cabeça ou no abdômen – e que muitos foram feridos à medida que os ataques continuaram nas áreas vizinhas e nos bairros da cidade.

“Eles são demônios”. Como pode um ser humano comportar-se desta maneira? Não consigo sequer encontrar palavras adequadas para descrever sua brutalidade”, disse ela.

A população local lutou com o que quer que fosse que fosse, desde tijolos quebrados até tiros de funda e bombas de gasolina. Barricadas de pneus foram incendiadas em uma tentativa desesperada de manter as tropas afastadas.

Queimados

No sábado à noite as forças de segurança queimaram vivo um membro da vigilância do bairro depois que ele foi ferido por seus tiros. Soldados invadiram a área de Mintae Eikin em Mandalay e atiraram em U Aye Ko. As forças da Junta então o arrastaram e o incendiaram em um bloqueio de estrada.

Em outro lugar da cidade, os militares incendiaram 40 casas no bairro Pyigyitagon da cidade. Os soldados dispararam tiros para impedir que os vizinhos ajudassem a apagar os incêndios. Em Lashio, a maior cidade do norte do estado de Shan, mais três manifestantes foram mortos. Eles foram baleados na cabeça e no peito quando a polícia e os soldados abriram fogo sobre os manifestantes.

“Não pudemos recuperar os cadáveres”, disse um trabalhador de caridade ao site Irrawaddy. “Eles arrastaram os corpos e as pessoas feridas para um caminhão militar”.

A brutalidade cada vez maior do regime é certamente um sinal de seu desespero. A enorme onda de greves dos trabalhadores paralisou a economia de Myanmar e levou o país à beira da guerra civil. Mas o regime poderia ao menos buscar a garantia de amigos em seu desfile do Dia das Forças Armadas. Representantes dos governos chinês, russo e indiano

participaram todos.

Por sua vez, a União Européia e os EUA emitiram fortes declarações de condenação.

Para as grandes potências mundiais, a luta em Mianmar é importante apenas como parte de um jogo estratégico. A China, que faz fronteira com o país, quer que ele permaneça como um aliado leal e não caia nas mãos do Ocidente. Os EUA, por sua vez, ficariam muito satisfeitos em ter um Estado cliente em uma posição geográfica tão importante.

É por isso que os manifestantes que lutam por um Myanmar verdadeiramente democrático não devem depositar sua fé nos EUA ou nas Nações Unidas. A resistência heróica dos que estão nas ruas e dos que estão em greve são os únicos poderes em que os revolucionários podem confiar.